

LEITURA: UMA APRENDIZAGEM DE PRAZER ATRAVÉS DOS CLÁSSICOS

Shirley Mijolaro Gorla

INTRODUÇÃO

Vivenciar os desafios de formar leitores em uma sociedade globalizada, que se move freneticamente num círculo de milhares de informações vindas de muitas fontes e lugares, não é tarefa fácil. Constitui-se em desafio para nós educadores.

Este material didático objetiva subsidiar professores na leitura de textos, bem como, no trato metodológico dos conteúdos relativos à temática. Analisa a importância do ato de ler no cotidiano escolar, refletindo sobre a necessidade de despertar o gosto pela leitura. Partindo da importância do trabalho com os clássicos, sugerem-se atividades diversificadas como forma de melhorar a capacidade leitora dos alunos.

IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

Ao longo da história da humanidade, o ser humano sempre procurou formas e mecanismos de gravar e disseminar seus conhecimentos, seja por meio das pinturas rupestres em rochas e cavernas, tábuas de argila, pergaminhos e, mais tarde, pelo papel. Mas foi com a invenção da imprensa, com Gutenberg, que houve uma crescente explosão editorial, tornando a leitura um instrumento de difusão e socialização das informações.

A leitura traz prazer, quando o indivíduo descobre que ela lhe dá o poder do conhecimento e a capacidade de associar idéias, planos, elementos aparentemente dissociados no tempo e no espaço. A leitura agiliza nosso pensamento rumo à sensibilidade, à compreensão daquilo que não podemos tocar, ver, sentir. Quando as pessoas descobrem que, com um livro nas mãos pode ir a qualquer lugar, fazer novas descobertas, dar novo sentido à vida, aí a leitura passa a fazer parte de sua prática cotidiana.

Quanto mais leitura, mais descobertas. O prazer está incluído nessas descobertas. Outros mundos nos tornam conhecidos: paisagens deslumbrantes, cenários exóticos e sombrios, arquiteturas pitorescas, fachadas remotas, povos distantes, enfim... É o gosto pelo desconhecido, pela exploração do novo, da diversidade. Mergulha-se em outra realidade sem se alienar desta. É o prazer de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço.

Na convivência diária com professores do Ensino Fundamental atuando como pedagoga e com alunos do Ensino Médio em escolas públicas, através da

prática docente, observamos nitidamente a crise que enfrenta a escola numa de suas maiores metas: a formação de leitores.

Em sala de aula, como despertar o gosto pela leitura? Como fazer para que nossos alunos sintam prazer no ato de ler? Como encaminhar adequadamente os educandos para o ato da leitura? Como fazer para ler por prazer e não por obrigação? Os questionamentos são tantos, preocupações diárias, ansiedade, dores estomacais, stress, tudo ocasionado pela falta de interesse dos alunos em ler.

Sabe-se que isso não é tarefa fácil. Exigem-se empenho, dedicação, estratégias diversificadas e atrativas que despertem o gosto e hábito de ler. O papel do professor, nesse sentido, é extremamente relevante e imprescindível – já que compete a ele – enquanto agente do saber formal, inserir o aluno no mundo da leitura.

De acordo com Rubem Alves, (Correio Popular, Caderno C, 19/07/2001).

No primeiro momento as delícias do texto se encontram na fala do professor. Usando uma sugestão de Melanie Klein, o professor, no ato de ler para os seus alunos, é o “seio bom“, o mediador que liga o aluno ao prazer do texto. Confesso nunca ter tido prazer algum em aulas de gramática ou de análise sintática. Não foi nelas que aprendi as delícias da literatura. Mas me lembro com alegria das aulas de leitura. Na verdade, não eram aulas. Eram concertos. A professora lia, interpretava o texto, e nós ouvíamos extasiados. Ninguém falava. Antes de ler Monteiro Lobato, eu o ouvi. E o bom era que não havia provas sobre aquelas aulas. Era prazer puro. Existe uma incompatibilidade total entre a experiência prazerosa de leitura – experiência vagabunda! – e a experiência de ler a fim de responder questionários de interpretação e compreensão. Era sempre uma tristeza quando a professora fechava o livro...

A escola tem o papel fundamental de estímulo à leitura. Muitas vezes, é através dela que acontece o primeiro contato com o livro, sendo indispensável tornar este momento o mais agradável possível para despertar a curiosidade de conhecer esse mundo mágico e fantástico.

Se, para muitos alunos, a escola acaba sendo a única fonte de contato com o livro, é necessário então estabelecer um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.

Todo professor tem que ser um leitor entusiasmado para poder transmitir aos alunos a paixão de ler. Ele é o intérprete dessa fala reveladora da literatura ao desvelar os múltiplos caminhos da leitura. Dessa forma, a literatura assume o seu verdadeiro lugar na leitura da escola. Seu papel, enquanto sujeito/agente de mediação do saber, é o de contribuir, decisivamente para que as práticas leitoras

estejam voltadas para temáticas de interesse dos alunos. Compete-lhe levar o aluno ao prazer de ver e descobrir o mundo através da leitura. “*Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê*”. (Lajolo, 1997, p.108).

O cinema é uma forma de aproximar o aluno da leitura. Essa prática pedagógica enriquece a compreensão do educando, visto que, a leitura e o cinema formam componentes de grande aceitação por parte dos educandos, isto é, se bem encaminhados e direcionados pelo professor: leia o livro; assista ao filme. Posteriormente, indique o livro aos alunos; fale sobre o autor; contextualize o momento em que foi escrito o livro; faça todo um trabalho de pesquisa sobre o autor; veja o filme com os alunos; faça comparações entre a linguagem do livro e a linguagem cinematográfica; instigue os alunos a falarem sobre o que acontece quando o livro vira filme; comente sobre obras literárias que viraram filmes, trabalhe a riqueza da leitura de legendas.

Sugestão de filme

Escritores da liberdade

SINOPSE

Filme americano produzido em 2007 por Richard LaGravenese.

Narra a história de uma jovem professora que leciona em uma pequena escola de um bairro periférico dos Estados Unidos. Os alunos da instituição são adolescentes criados no meio de tiroteios e agressividade. Devido aos conflitos na sala de aula, adota novas metodologias. Solicita aos alunos que escrevam diariamente os conflitos familiares e existências que vivenciam no dia a dia. Incentiva os alunos a lerem obras literárias com temas de guerra, objetivando com que os alunos percebessem a necessidade de tolerância mútua.

Análise do filme

- 1- Qual o tema do filme? O que ele quer nos contar?
- 2- Dentre as cenas assistidas, qual a que lhe chamou mais atenção? Por quê?
- 3- O filme é baseado em fatos reais. Você acha que todos os eventos nele retratados são verídicos? Quais as seqüências que aparecem menos realistas? Por quê?
- 4- Qual a síntese da história do filme?

Ler é um processo de encontro e identificação onde a individualidade do leitor determinará o gosto e o interesse pela leitura. Por isso, o encontro com os livros deve proporcionar cumplicidade, aconchego. Quem lê também produz sentido. E o faz em condições determinadas, ou seja, quando estamos lendo estamos participando do processo de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada. Segundo Lajolo (1997, p. 106)

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas.

O leitor, aos poucos, vai se tornando “maduro”, isto é, em contato com o texto novo, é capaz de convergir para si o significado de todos os textos que leu. Como o seu grau de interpretação já é um tanto avançado, aceita ou não aquela leitura para si. Isto significa que a leitura de um novo texto o afeta, afasta e redimensiona o significado de todos os outros que já lera.

Ler é conhecer. O conhecimento é carregado de compreensão e afetividade, isto é, há o envolvimento emocional tão bem estudado por Henry Wallon (1824-1962). É por meio da afetividade (emoções e sentimentos) que o ser humano expressa desejos e vontades. A afetividade (um dos pilares da teoria Walloniana) é uma função essencial no desenvolvimento da pessoa. A Teoria da emoção de Wallon (2000) é capaz de oferecer aos educadores subsídios importantes para novas reflexões pedagógicas fundamentando ações educacionais que atendam as necessidades da criança nos planos afetivo, cognitivo e motor, promovendo o seu desenvolvimento em todos esses níveis.

Jean Paul Sartre – filósofo, escritor de romances, contos e peças teatrais - amante da literatura, para o estudioso francês, esta deve ser entendida como uma ação na história, devendo o escritor abraçar estreitamente a sua época, explicando as contradições e desigualdades de seu tempo. A literatura redescobre a sua função na sociedade quando a percepção da realidade passa a ser constituída pela consciência da historicidade. Isto significa um mergulho na atualidade de cada um. Para ele, a obra se caracteriza a partir do momento em que é lida, ou seja, o significado construído depende do leitor. “Por isso afirma que, “Cervantes, Shakspeare, leva-nos como se eles estivessem presentes”. “Romeu e Julieta ou Hamlet são obras que parecem ter sido escritas ontem.”

Sartre, aos dois anos de idade - perde o pai e muda-se para a casa do avô – que é um grande leitor. O filósofo conta sobre a sua cumplicidade com os livros desde tenra idade, penetrando na biblioteca do avô, conheceu o mundo através dos livros. Segundo Sartre (2000 p.44)

“Os livros foram os meus pássaros e os meus ninhos, meus animais domésticos, meus estábulo, meu campo. A biblioteca era o mundo fixado num espelho, tinha o tamanho infinito dele, sua variedade, sua imprevisibilidade”.

Quanto mais cedo a criança for inserida no mundo dos livros, mais proximidade terá com a leitura e, conseqüente, maior fluidez na oralidade, interpretação textual e compreensão das mensagens explícitas, realizando inferências que, muitas vezes, surpreendem os adultos.

Inserir a criança desde pequena nesse universo é primeiramente tarefa dos pais. E isso pode ser feito, a princípio através da oralidade. Os pais que querem ter a alegria de compartilhar narrativas com seus filhos podem ler anteriormente a história sozinho, para si mesmo, para lembrar ou ficar conhecendo. Posteriormente, conta ao filho com suas próprias palavras, do seu jeito. Em outra oportunidade, pode dar-lhe o livro. Dessa forma, a criança faz uma associação ainda que primariamente, da relação existente entre oralidade e leitura.

Querendo conhecer a preferência por personagens que marcaram a vida dos alunos da escola em que sou pedagoga, realizamos uma sondagem utilizando como instrumental, um questionário contendo as seguintes questões: personagem que marcara a vida dos estudantes, obra e o porquê da escolha. 361 alunos, no mês de setembro de 2007, participaram desta. O resultado revelou-nos dados surpreendentes: a personagem mais citada foi Chapeuzinho Vermelho, seguidos de Os três porquinhos e Peter Pan. Dentre os dez personagens classificados por ordem crescente, seis são personagens de histórias clássicas, como Branca de Neve, Pinóquio e o Zezé (O meu pé de laranja lima). Docilidade, pureza, amizade, companheirismo, sofrimento, coragem, ousadia, entre outras, foram respostas dadas pelos alunos, justificando a escolha do personagem.

A MAGIA REVELADORA DAS OBRAS CLÁSSICAS

Ao longo da história da humanidade acumulou-se um imenso e precioso patrimônio de obras valiosíssimas que desvelam a história e se perpetuam, adentrando séculos e séculos afora. É um legado riquíssimo, um tesouro inestimável que herdamos de nossos antepassados, do qual não podemos deixar de conhecer. Esse tesouro está guardado nas imensas bibliotecas, nos museus, em mosteiros, em bibliotecas particulares, em pequenas bibliotecas, em nossas casas... enfim.

Por que será que os livros despertam interesses nas pessoas? Por que desperta medo em tanta gente? Qual é o poder que os livros têm? Por que alguns livros foram proibidos e ainda os são em determinadas culturas? O que esses livros

possuem de mágico ou maléfico que amedronta homens e mulheres, no decorrer da história?

Tradicionalmente, a leitura devia ser para poucas pessoas porque ela é sempre um instrumento de poder e podia ameaçar as pessoas que controlavam os livros, ou seja, eles representavam o conhecimento, o saber, a informação. O conhecimento dos livros era permitido a poucas pessoas.

Em “Nome da rosa”- livro de Umberto Eco, (1980) - vemos claramente o poder atribuído aos livros. O mosteiro possui uma imensa biblioteca onde estão guardados obras raríssimas e riquíssimas, códigos preciosos, parte integrante da sabedoria, onde poucos monges têm acesso às publicações sacras e profanas.

Outro exemplo da proibição da leitura encontra-se presente no livro “Fahrenheit 451”, do autor americano Ray Bradbury, (1952). A história retrata um futuro hipotético, onde os livros e toda a forma de escrita são proibidos por um regime totalitário, sob o argumento de que faz as pessoas infelizes. Estes, quando encontrados são, sumariamente queimados.

Romancistas, poetas, filósofos, cientistas também tiveram seus livros queimados, retirados de circulação. A inquisição queimou Giordano Bruno pelos seus escritos. Seus livros foram proibidos de circulação, pela igreja. Rousseau, Freud, Vitor Hugo, Neruda são alguns nomes que também tiveram livros proibidos.

Na modernidade os livros foram, aos poucos, sendo multiplicados e disseminados à população. Dessa forma, esse patrimônio acumulado há milênios, está à disposição dos leitores que fomentam cultura, conhecimento, informação através do vasto acervo disponível na humanidade.

Há uma infinidade de livros que se tornaram célebres, imortais, imprescindíveis para a disseminação da cultura, da forma de ver, agir e pensar do homem. Esses livros atravessam gerações e ainda permanecem atuais, porque são inesquecíveis, impõem respeito. São chamados de clássicos. De acordo com Ana Maria Machado (2002, p.24):

... são livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, porque “a juventude comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares”.

Ou seja, não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo. Está à nossa disposição, com toda a opulência de seu acervo, a generosidade de sua oferta. Dispensá-los por ignorância seria uma grande perda.

Esse universo a que os livros clássicos nos remetem, aguça nosso imaginário nos tornando protagonistas dessas histórias, pois através delas,

realizamos, muitas vezes, nossos sonhos, nossos desejos. Nelas somos heróis, com poderes extraordinários, lutando e defendendo os oprimidos, vencendo o mal, buscando paz, como também, nos identificando com o mal, o vilão, o opressor, a bruxa.

Através dessas leituras descobrimos, muitas vezes, em um personagem alguns elementos em que nos reconhecemos plenamente. Apresenta-se idêntica a nós mesmos, nos proporcionando ensinamentos, direcionamentos, nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias existências.

“Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes.)”

(Calvino, 2005, p.11)

Daí, ser a leitura dos clássicos algo extremamente importante para nós, porque tanto os clássicos antigos quanto os mais recentes deixaram marcas significativas nas pessoas que os leram. Não podemos falar em clássicos recentes, sem citar o nome do grande educador Paulo Freire. Ele se constitui em referência aos educadores pela sua importância no cenário pedagógico. Tornou-se clássico da educação brasileira. Assim como Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha e outros são clássicos atuais da Literatura Infante Juvenil.

Se fizermos uma viagem através dos tempos, veremos que em todas as sociedades, em todos os tempos, há uma riquíssima cultura guardada nos livros. Quando lemos histórias da mitologia grega, fazemos uma volta ao passado. Nele, há a presença dos deuses, personagens mitológicos que encantam os leitores contemporâneos. Monteiro Lobato nos presenteou com uma basta obra adaptada da mitologia grega, quando fez uma ponte entre a Grécia Antiga e o Sítio do Picapau Amarelo. Este gênio da literatura brasileira trouxe Esopo, com suas fábulas encantadoras, Hércules, o Minotauro, Homero com a Ilíada e a Odisséia e outros personagens que habitaram aquele universo.

Mas não é somente nos livros que se encontram personagens clássicos. Eles estão presentes nas esculturas, pinturas, monumentos. Esse patrimônio está vivo nos dias de hoje, quando vemos réplicas de fachadas antigas em prédios, bibliotecas, museus, teatros, em propagandas, novelas, comerciais exibidos na televisão, em outdoors espalhados em cidades e rodovias.

Tamanha foi a influência da cultura greco-romana em nossa sociedade que, nossa linguagem está recheada de referências. Basta pensarmos um pouco e, de repente estamos fazendo alusão aos antepassados. Quando usamos a expressão “presente de grego, narcisismo, complexo de Édipo, calcanhar de Aquiles, olimpíadas, Ícaro, Medusa, Marte, Vênus” e, tantos outros nomes, estão

homenageando o passado. “A busca seria interminável”, como afirma Maria Clara Machado (2002).

Portanto, o clássico está tão presente em nós que na maioria das vezes, não somos capazes de perceber. Ao viajarmos adentrando os livros pelo início da Idade Média (séc. V), encontramos uma expressão que se faz presente em nosso cotidiano. Trata-se de “fazer uma mesa redonda”. Essa expressão tem história. Basta buscá-la nas Histórias do Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda.

Outra história que marca o período medieval e que encanta quem a lê é o romance Tristão e Isolda. Um clássico romântico que retrata o amor proibido entre dois jovens, se depara com diversos obstáculos políticos e sociais para permanecerem juntos. A primeira versão do romance é datada do século XII. O cinema contou a história do jovem casal celta no ano de 1909, depois 1948 e, recentemente, em 2006. A mesma história inspira o músico alemão Richard Wagner a compor a famosa ópera que continua encantar os amantes da bela música clássica.

E o que dizer de El Cid, Hobin Hood? Tão lidos e comentados por gerações e gerações, atravessando continentes?

Na modernidade – período em que há uma grande propagação dos livros – há uma infinidade deles existentes e merecem destaque, devido sua importância no contexto literário. Quantos adolescentes e jovens já choraram ao ler Romeu e Julieta? Por que Shakspeare traçou um destino tão cruel para aquele jovem casal, impedindo-os de ficarem juntos? Por que aquelas duas famílias não poderiam viver em paz? Pois é, indagações surgem e remexem nossa mente. É o poder que o escritor tem de penetrar no íntimo do ser humano. Romeu e Julieta – considerada uma das maiores obras da dramaturgia mundial foi escrita no século XVI. Há centenas de adaptações teatrais e cinematográficas da obra, além de gibis, revistas e outros meios que se utilizam como forma de disseminação cultural do drama.

A contemporaneidade está ricamente servida da obra literária. Escritores do século XIX se utilizaram da história dos antepassados para que guardássemos na memória os feitos dos tempos idos. É o caso de As Cruzadas, a vida de Joana d, Arc., as guerras entre os senhores feudais. Esses são alguns dos exemplos de criadores que adentraram, revitalizando a Idade Média em livros de leitura, que foram transformados em filmes, documentários, histórias em quadrinho, mini-séries, e são clássicos famosos que se perpetuam no tempo.

Um dos trabalhos mais populares da literatura do século XX é o famosíssimo “O Senhor dos Anéis”, do escritor Tolkien. O romance foi escrito em 1955 e gira em torno da mitologia Nórdica e Germânica. A enorme popularidade do livro inspirou trabalhos de arte, música, televisão (jogos de videogame) e cinema. Além das adaptações feitas para o rádio, teatro e cinema. Quem não

assisti “O Senhor dos Anéis: A irmandade Secreta do Anel,” (2001), “O Senhor dos Anéis: As Duas Torres”, (2002) e “O Senhor dos Anéis: O Regresso do Rei/ O Retorno do Rei,” (2003)? Magos, anões, elfos e outras criaturas habitam o cenário ficcional – que, ainda encantam platéias de todo o mundo.

Quem ainda não ouviu falar em Harry Potter? Esse nome – é o título de umas séries de romances fantásticos criados pela escritora britânica J. K. Rowling. “O primeiro livro da série –” Harry Potter e a pedra filosofal”- foi lançado em 1997. Grande parte da narrativa se passa numa escola de magia e bruxaria. A temática gira em torno dos conflitos entre Harry e o bruxo maligno das trevas. Ao mesmo tempo explora temas como amizade, ambição, preconceito, coragem, crescimento, responsabilidade, entre outros. Os livros ganharam grande popularidade e deram origem a filmes de vídeo games e estão presentes nos cinemas em todos os continentes. O primeiro filme da série foi lançado em 2001 e se tornou uma das maiores bilheterias da história cinematográfica.

Os clássicos, portanto são obras eternas e sempre atuais. Não perdem o prazo de validade. Estão sempre novos, porque ganharam respeito e admiração dos leitores ao longo da história da humanidade.

Sugestão de atividades

- Dividir a turma em equipes, objetivando encontrar vestígios gregos e romanos no nosso dia a dia. Os alunos podem utilizar diferentes materiais didáticos, como: livros, revistas, documentários, filmes, propagandas, outdoors. Poderá fazer visitas a museus, igrejas e repartições públicas. Cada equipe ficará responsável por pesquisarem diferentes aspectos literários.

Equipe A	Arquitetura
Equipe B	Pintura
Equipe C	Música
Equipe D	Cinema
Equipe E	Poesia

- Proceder à leitura do livro Romeu e Julieta de Shakspeare. Assistir ao filme produzido por Baz Luhrmann (1996), protagonizados por Leonardo Di Caprio e Claire Danes. Adaptação moderna do clássico escrito no século XVII. Comparar a Verona antiga com a moderna Verona do filme. Mencionar as diferenças existentes nas duas histórias.

Sugestão de filme

Cruzada

Filme dramático, lançado em 2005 e dirigido pelo inglês Ridley Scott.

Na Idade Média, as Cruzadas e a peregrinação a Jerusalém eram consideradas como formas de penitência para as pessoas que participavam delas, um sacrifício capaz de lavar todos os pecados que a pessoa pudesse ter cometido em vida.

O filme narra a coragem de um jovem ferreiro de Jerusalém que surge como a principal esperança para proteger seu povo dos invasores. Duas palavras resumem o filme: guerra e fé.

GENEROS LITERÁRIOS NO COTIDIANO ESCOLAR

É a partir da importância do texto clássico, do reconhecimento do valor de um texto que passou pelo teste do tempo que, sugeriremos, ainda que de forma breve, alguns gêneros literários, atividades e encaminhamentos práticos que visam despertar o gosto e o interesse pela leitura.

CONTAR HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA DO TEMPO DOS AVÓS

Segundo Bruno Bettelheim (1980, p.13):

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Quantas vezes, enquanto estamos ouvindo alguém contar uma história, viajamos pelo tempo. Esse poder que as histórias têm de fascinar todas as idades, se perpetua na história da humanidade. As novelas, que trazem tanto sucesso, são histórias contadas em capítulos. A televisão usa de diversas maneiras, o fascínio das histórias tão reais, quanto de ficção.

Se pensarmos que alunos na faixa etária de dez a quinze anos não gostam de ouvir histórias, estamos totalmente enganados. É preciso primeiramente saber contá-la, expressando-se adequadamente, gesticulando, colocando “vida” no relato. A escolha de uma história agradável, que cause interesse e desperte a curiosidade

no aluno, constitui-se em fatores indispensáveis. A história deve ser adequada à faixa etária e que atenda aos interesses dos ouvintes e ao objetivo específico a que a aula requer.

Contar histórias prescinde de emoção. É necessário que ela permanentemente emocione quem irá contá-la. A linguagem contribui para o enriquecimento da história, dando-lhe mais força às expressões.

Para Betty Coelho, (1997) histórias de aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções, fábulas, mitos e lendas, devem ser contados aos alunos.

Após a escolha da história a ser contada, o contador deve:

- **Estudar a história:** (não precisa decorá-la) mas sim, captar a mensagem que nela está implícita, identificando os elementos que constituem a sua estrutura.
- **Contá-la de maneira agradável:** com tom de voz adequado a cada momento, fazendo suspense, dando clima à história, atingindo o clímax de modo a encantar e prender a atenção dos ouvintes.
- **A música,** caso queira, constitui-se em rico recurso que complementa a narrativa. (deve-se escolher a música, de acordo com a história: suspense, aventura, clássica, entre outras).
- **Uso de recursos didáticos:** para tornar a narrativa mais agradável aos ouvintes, o professor pode se utilizar:

→ ***Narrativa com auxílio do livro:*** conta-se a história e mostram-se as figuras do livro, pois a ilustração os complementa.

→ ***Uso de gravuras ou objetos:*** desenham-se os personagens da história em cartolina ou os apresenta através de objetos e à medida que se desenvolve a história, os personagens vão compondo o cenário.

→ ***Painel ou flanelógrafo:*** há histórias em que as personagens principais entram e saem constantemente de cena. Podem-se confeccionar figuras em flanela, feltro de madeira ou papel camurça ou ainda, recorta-se de revista personagens que possam ilustrar a história. Neste caso, as figuras devem ser recortadas e revestidas de cartolina, colocando no verso da figura, um pedaço de lixa número1.

→ ***Com desenhos:*** caso o professor prefira, pode desenhar os personagens no quadro de giz, à medida que forem surgindo na história.

Após a contação da história, há inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas, tais como: dramatização, pantomima, gibi, desenho, criação de textos orais e escritos, entre outros.

O escritor Ricardo Azevedo, com a divertida “O filho do filho da filha do bicho-preguiça” reconta “A preguiça”. A ação que deflagra o conflito na história é a eminência do nascimento do filho da filha da preguiça. O conto brinca com a oposição criada pela proximidade do parto e a demora no atendimento. Extrai humor da hipérbole, isto é, do exagero. O conto é narrado bem devagar – em câmera lenta – o que deixa o texto muito mais engraçado, não apenas pelo que acontece na história, mas também pelo jeito como a conta.

Eis uma bela história para ser contada aos alunos

O filho da filha do bicho-preguiça

O bicho-preguiça estava parado quieto, trepado no galho da árvore. Sua filha estava trepada quieta, parada num outro galho. De repente, ela disse:

_ Pai, estou sentindo uma dorzinha esquisita dentro na barriga. Acho que vou parir logo.

Tempos depois, o bicho-preguiça desceu da árvore e ficou pensando. Mais tarde, saiu andando devagar, quase parando. Foi procurar uma parteira.

Foi, foi, foi. Andou, andou, andou. Seguiu, seguiu, seguiu.

No meio da viagem, o bicho-preguiça tropeçou numa pedra e machucou o dedinho do pé. Ficou um pouco nervoso:

_ É isso que dá andar nessa pressa danada!

E seguiu, seguiu, seguiu. E andou, andou, andou. E foi, foi, foi.

Acabou chegando na casa da parteira. Passou um tempo, o bicho-preguiça bateu na porta e disse:

_ Dona parteira, é urgente. Vamos lá em casa que o filho da minha filha está pra nascer.

A parteira era bicho-preguiça também. Dias depois, abriu a porta devagar e respondeu:

_ calma aí que eu já estou indo!

O tempo correu e bem mais tarde os dois partiram.

Foram indo, foram indo, foram indo. Foram seguindo, foram seguindo, foram seguindo. Foram andando, foram andando, foram andando.

No fim, quando chegaram de volta, escutaram uma barulheira. Eram os filhos do filho da filha do bicho-preguiça brincando devagarinho no terreiro.

(AZEVEDO, Ricardo. Contos de bichos do mato, Ática, 2005).

A preguiça

Estando a filha com dor de parir, saiu a preguiça em busca da parteira. Sete anos depois ainda se achava em viagem, quando deu uma topada. Gritou muito zangada:

_ Está aí no que deu o diabo das pressas...

Afinal quando chegou em casa com a parteira, encontrou os netos da filha, brincando no terreiro.

(recolhido por João da Silva Campos. In: MAGALHÃES, Basílio de. O folclore no Brasil. Edições Cruzeiro, 1960).

O TEXTO POÉTICO

Percebe-se que em sala de aula o trabalho com a poesia está atrelado, às atividades e aos exercícios oferecidos pelos livros didáticos que tratam deste gênero discursivo, como pretexto para levarem os alunos a resolverem exercícios gramaticais e ortográficos, esquecendo-se do verdadeiro valor literário, que prioritariamente, tais textos possuem.

Esse problema é muito antigo. Lajolo em seu livro “Do mundo da leitura para a leitura do mundo”, (1997), afirma que poetas como Olavo Bilac, editores e críticos renomados da literatura brasileira, fazem alusão à pobreza do trabalho literário que as escolas brasileiras fazem com o texto poético.

O trabalho com a poesia tem sempre que ser centradas no significado mais amplo do texto, isto é, no modo como o texto diz o que diz. Em outras palavras, é preciso que o texto proporcione uma proximidade maior, um relacionamento mais intenso, íntimo, caloroso, ou seja, um inter-relacionamento do texto com todos os outros conhecidos daquele leitor. É a partir dessa interpretabilidade que o leitor torna-se sujeito de sua leitura.

A escola deve priorizar a emoção, o prazer, o sentimento, a beleza – presentes nos textos poéticos. O professor deve conhecer muitos autores, ler a obra dos poetas que fizeram a história desse gênero, principalmente os clássicos e, em especial, valorizar os grandes poetas brasileiros, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Mario Quintana, Cora Coralina, Vinicius de Moraes, entre outros.

Iniciar o trabalho com o texto poético requer por parte do professor muita dedicação, além é claro, de demonstrar gosto, paixão, sentimento pela poesia. Ao iniciar, por exemplo, o trabalho com a poesia o educador deve:

- Despertar a atenção dos alunos, isto é, fazer com que eles se interessem pela leitura.
- Fazer suspense antes da leitura.
- Deixar expectativas sobre o texto a ser lido.
- Ler com entonação, expressividade, fluência.

Para Glória Kirinus (2005), o texto poético tem um valor muito especial aos alunos:

“A poesia tem o artifício de tornar as coisas mais amenas e despertar o aluno para as aulas e para si mesmo, intertextualizando vida e aprendizado: antídoto precioso contra uma possível institucionalização da mediocridade”.

Dessa forma, o professor tem responsabilidade sobre a inserção de valores no aluno, sendo, portanto, necessário a busca de uma maior humanização da sala de aula. Pra isso, precisa buscar encaminhamentos adequados, diversificados, mas, sobretudo significativos para o aluno, de modo, que ele consiga alcançar um equilíbrio entre razão e emoção.

A poesia estabelece um vínculo entre o real e o imaginação. Estabelece uma relação interna e externa com o mundo.

Essa emoção o professor pode levá-la à sala de aula. Há muitas maneiras de realizar o trabalho pedagógico com os textos poéticos.

1. Incentivar os alunos no ato da leitura.
2. Fazer declamações à turma.
3. Declamar, em parceria com alunos.
4. A mesma poesia pode ser declamada uma ou mais vezes.
5. Todo dia o professor pode, no início ou no fim da aula, declamar uma poesia ou pedir que algum aluno o faça. É uma atividade que não toma mais do que alguns minutos da aula.

Sugestão de atividades

- Solicitar aos alunos que pesquisem a poesia “Meus oito anos” – Casimiro de Abreu, (1857) in: Grandes poemas do Romantismo Brasileiro. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1995. e, ‘Ai que saudades “- Ruth Rocha,
- Fazer a leitura dos textos, comparando a infância de Casimiro – vivida na zona rural e a de Ruth Rocha – vivenciada no meio urbano.
- Conhecer, através de pesquisa, as circunstâncias históricas em que os textos foram produzidos.
- A partir, do estudo dos dois poemas, o aluno pode escrever o seu poema, retratando a sua infância ou mesmo, uma infância idealizada.

Sugestão de filme

O poeta e o carteiro

Filme poético, produzido em 1994. Narra a história (fictícia) entre o poeta Pablo Neruda e um carteiro. Por questões políticas, o poeta é exilado numa ilha italiana do Mediterrâneo. O carteiro faz amizade com o grande poeta e se encanta com a sua poesia. Acredita que o poeta pode se tornar seu cúmplice para conquistar o coração de uma donzela. Passa a usar metáforas e criar poemas com o auxílio de Neruda.

O CONTO DE FADAS

Tão ricos e conhecidos pelos nossos alunos, os contos de fadas são narrativas que, tendo ou não a presença da fada, apresenta em seu núcleo a questão da realização essencial do herói ou da heroína, geralmente ligada a alguns ritos de passagem de uma idade para outra ou de um estado civil para outro. Através deles pode-se aprender sobre os problemas interiores do ser humano e encontrar soluções corretas para eles. Transmitem importantes mensagens tanto aos adultos quanto às crianças. Neles há tanto a presença do bem, quanto o mal. Ambos estão onipresentes no ser humano. Porém, nas histórias de fadas, o bem sempre vence o mal.

Os contos de fadas exercem muita influência sobre nossa cultura. São histórias de alto nível e grande qualidade artística. Permanece presente em todas as culturas devido o seu poder de sedução. Estes foram feitos por artistas do povo, pessoas anônimas. Durante séculos e séculos os contos foram contados por pessoas que tinham habilidades para a contação. As histórias corriam de boca em boca. As avós contavam aos netos, os pais aos filhos até que foram reunidos e escritos por pessoas que, fazendo adaptações, levaram essas histórias para as bibliotecas, salas de aulas, livrarias e lares do mundo todo.

No século XVII, Charles Perrault recontou e publicou alguns poucos desses contos. Assim como, mais de um século depois, em 1802, os irmãos Grimm reuniram 210 contos, tornando-os bem mais populares e próximo de todos.

Algumas décadas depois foi a vez de Hans Christian Andersen publicou uma antologia de contos de fadas. O escritor foi mais além, criou várias histórias novas, dando uma visão política mistura com profunda melancolia.

A partir daí, outros escritores começaram a escrever e a criarem histórias especialmente para o universo infanto juvenil.

As histórias de contos de fadas têm significados diferentes para cada pessoa, isto é, cada qual, extrai leituras diversas, inferências, dependendo de sua maturidade, necessidade, visão de mundo e interesse. Além disso, o mesmo conto pode suscitar diferentes leituras para a mesma pessoa, em vários momentos de sua vida. São releituras feitas que, trazem aos contos, mais encantos, novos olhares, outras visões, anteriormente desconhecidas.

Sobre a importância dos contos de fadas para adultos e crianças, Bruno Bettelheim (1980, p. 27), afirma:

Os contos de fadas, como todas as verdadeiras obras de arte, possuem uma riqueza e profundidades variadas que transcendem de longe o que mesmo o mais cuidadoso exame discursivo pode extrair deles.

Podem-se citar como exemplos: Bela adormecida, A bela e a fera, Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, As três plumas, Borracheira, O Rei Sapo, entre outros.

O professor pode sugerir aos alunos para fazerem uma análise de várias versões de uma mesma história, levando-os a observarem que todo texto está vinculado à visão de mundo do autor, ao contexto histórico em que o mesmo está inserido, enfim aos problemas de sua época.

Sugestão de atividades

- Ler para os alunos uma história de conto de fadas. Explicar-lhes a importância dos contos, questionando-os a respeito das histórias que conhecem ou conheceram através dos pais ou da escola.
- Conduzir os alunos à biblioteca para a escolha de uma história de conto de fadas para ser lida.
- Escrever uma carta ao personagem favorito das histórias de conto de fadas. O assunto da carta deve ser escolhido pelo aluno. Caso os alunos necessitem, o professor pode sugerir, por exemplo, que questione uma atitude do personagem, que o parabeneze por uma ação desenvolvida, que lhe sugira algum procedimento, uma crítica, enfim.
- Após a escrita da carta, podem ser feitas outras atividades como:
 - Socialização das produções à classe.
 - Fixação do material produzido em mural.
 - Compilação das cartas e exposição na biblioteca.
 - Criação de outras histórias.

1- Fazer um comentário sobre a história Branca de Neve e os Sete Anões. Constar-lhe algumas curiosidades a respeito do filme.

VOCÊ SABIA QUE:

- O filme marcou a história do cinema para sempre sendo o primeiro longa metragem animado da América a ser produzido.
- Foi produzido por Walt Disney no ano de 1937.

- No conto original dos irmãos Grimm os anões não possuíam nomes nem personalidades específicas.
- Dunga foi o anão que deu mais trabalho aos artistas no começo da produção. Estava difícil encontrar uma personalidade ao personagem, assim como, uma voz adequada. Então foi resolvido não dar voz à Dunga.
- Branca de Neve foi traduzido para 20 idiomas.
- Mais de 750 artistas trabalharam no filme.

2 - Exibir o filme, solicitando aos alunos que prestem atenção no comportamento dos personagens, no cenário, na trilha sonora

3 - Proceder à análise conjuntamente.

4 - Pedir aos alunos que relatem com qual dos anões cada um se identifica e o porquê. Se com Atchin, Dengoso, Zangado, Soneca, Mestre, Feliz ou Dunga.

PESQUISANDO

1- Por que o técnico da seleção brasileira e ex-jogador Dunga têm tal apelido?

Sugestão de leituras aos alunos

1- **Contos de fadas politicamente corretos.** James Finn Garner. Tradução e adaptação de Cláudio Paiva. Ediouro. São Paulo: 1995.

2- **O fantástico mistério de Feiurinha.** Pedro Bandeira. FTD. São Paulo: 1999.

Sugestão de leitura para o professor

O mito da infância feliz. Fanny Abramovich. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

A autora reuniu textos de vários autores que tem em comum os chamados ritos de passagem da infância para a adolescência: ritos de entrada na escola, revelação do começo a ler, os exames de admissão, o primeiro amor, a separação dolorosa do primeiro amigo, rupturas ocasionadas pelas mudanças de endereço, cidade ou de grupo social.

CONTOS MARAVILHOSOS

Nos contos maravilhosos, evidenciam-se os questionamentos econômicos e sociais, isto é, os problemas da sobrevivência em nível sócioeconômico, ou problemas ligados à vida prática, concreta, cotidiana. Essas narrativas sem a presença de fadas, enfatizam aspectos materiais, sensoriais e éticos do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo e vontade de poder), e suas paixões eróticas. Exemplos: O gato de botas, Os três porquinhos, Aladim e a lâmpada maravilhosa, As mil e uma noites, Chapeuzinho Vermelho, entre outros.

O professor pode levar os alunos a fazer uma análise de várias versões de um mesmo conto, levando os alunos a observarem que todo texto está vinculado aos problemas de sua época.

As pessoas que leram Chapeuzinho Vermelho ao longo dos séculos, tiveram leituras diferentes, cada qual em seu contexto, fazendo inferências, estabelecendo hipóteses, conclusões, buscando compreensão no sentido do texto. Dessa forma, os personagens de Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, a Vovozinha, o Lobo mal, continuam a reencarnar-se até nossos dias, fazendo-nos imaginar o porquê de o lobo ser tão mal, a ponto de querer comer a Chapeuzinho e o porquê de a Chapeuzinho ser uma menina tão ingênua a ponto de acreditar nas conversas do lobo mal. São indagações que perpassam séculos e continuam no imaginário das pessoas.

Sugestão de atividade

. Tomando como exemplo a narrativa de Chapeuzinho Vermelho, pode-se realizar um estudo comparativo entre:

- >Chapeuzinho Vermelho – Charles Perrault - (XVII)
- >Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm – (XVIII)
- >Chapeuzinho Vermelho de raiva – Mario Prata – (1970)
- >Chapeuzinho Amarelo – Chico Buarque – (1979)
- >Chapeuzinho Vermelho – Braguinha – (2003)
- >Lobo bobo – Ronaldo Bôscoli e Carlos Lyra (música) – (1969)

CONTOS POPULARES

Através deles se expressam costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos, e se revelam a memória e a imaginação do nosso povo. O conto popular traz marcas da antiguidade, o anonimato dos contadores porque não tem marca de autoria.

A figura do contador ou contadora de histórias, importantes na transmissão e na manutenção da memória coletiva, aparece em nossa literatura, encarnada em personagens com a Velha Totônia, de José Lins do Rego, e Tio Barnabé e Tia Nastácia, de Monteiro Lobato.

Na contemporaneidade, devido aos meios tecnológicos presentes na sociedade de informação, a prática de narrar oralmente histórias, foram sendo substituídos por outros aparatos da era mediática.

Daí a importância de os professores estarem resgatando esse universo maravilhoso existente nas culturas locais, como forma de perpetuar as histórias contadas através dos tempos.

Sugestão de leitura

Contos Tradicionais do Brasil. Luis da Câmara Cascudo. Global. São Paulo: 2003.

VOCÊ SABIA QUE:

Câmara Cascudo foi historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista.

- É considerado um dos mais importantes escritores de contos brasileiros, já que reuniu contos de todas as regiões brasileiras.
- Procurou o mestre dividir os temas em contos de encantamento, religiosos, etiológicos, adivinhação e outros.
- O livro foi publicado em 1946 e ainda hoje esses contos são recontados em todo o país.

Sugestão de atividade

. Pedir aos alunos que conversem com os pais ou avós, solicitando-lhes que contem um conto que tenha ouvido na infância ou adolescência, para o aluno socializar junto à turma.

FÁBULA

É uma narrativa curta que apresenta, via de regra, uma moralidade ao final. São histórias aconselhadoras e outras de entretenimento. As fábulas contam por meio de palavras, ações ou situações. As personagens são sempre animais que pensam, sentem e se comportam como seres humanos, ou seja, o homem é

representado por tipos: o asno geralmente encarna o tolo, o vaidoso; a raposa, o sujeito matreiro, capaz de safar-se das armadilhas ou cria-las para os outros; o leão representa a justiça, violência, abusos; já o macaco representa tanto a inteligência quanto a tolice.

Trabalhar com fábulas pode e deve ser um ponto de partida para a reflexão a respeito do próprio determinismo formulado acerca da sabedoria prática, questionando os padrões de comportamento e as relações de poder que transparecem nessas narrativas.

A fábula é típica da cultura oral, mas, com o passar do tempo, muitas foram registradas por escrito. No Ocidente, a tradição atribui ao grego Esopo (que teria vivido no século VI a.C.) a autoria de várias fábulas. Vários autores posteriores reescreveram essas fábulas. O mais conhecido foi o francês Jean de La Fontaine (1621-1695).

As fábulas trazem as temáticas do bem e do mal.

O professor precisa conciliar os opostos. Mostrar os dois lados. Fazer com que o aluno reflita sobre esses dois opostos que estão presentes no ser humano.

Tomemos como exemplo uma das fábulas mais populares e conhecidas. Trata-se de A cigarra e formiga.

A Cigarra e as Formigas

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra faminta lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?”

A cigarra respondeu: “Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente”. E as formigas, rindo, disseram:

“Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno.

A fábula mostra que não se deve negligenciar em nenhum trabalho, para evitar tristeza e perigos.

Esopo: Fábulas completas. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra cantado todo o estio, achou-se em apuros com a entrada do inverno. Não possuía nem um pedacinho de mosca, nem um vermezinho para se alimentar. Desesperada, foi bater à porta da formiga sua vizinha. Pediu que lhe emprestasse algum grão, a fim de poder subsistir até à chegada do tempo melhor.

- Eu pagarei com juros, disse ela, antes de agosto. Palavra de honra. A formiga não gosta de dar emprestado, nem é prestimosa: é esse o seu defeito.

- Que fazias no tempo de calor? - perguntou-lhe.

- Eu cantava noite e dia a todos que apareciam. - respondeu a cigarra.

- Cantavas no verão?

Que bela vida! Pois bem, dança agora.

Fábulas de La Fontaine – Tomo I

A formiga boa

- E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse.

- Eu cantava, bem sabe...

- Ah!...- exclamou a formiga recordando-se.

- Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: “que felicidade ter como vizinha tão cantora!” Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Monteiro Lobato **Fábulas**. São Paulo: Melhoramento, 1994.

Sugestão de atividade

- Estabelecer uma comparação entre os três textos, observando o comportamento das personagens.
- Estimular a produção de fábulas em que o comportamento das personagens seja alterado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ª. Edição. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Schwarcz Ltda., 2005.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de. MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Mec. 2006.
- COELHO, Betty. **Contar histórias. Uma arte sem idade**. São Paulo: Ática., 1997.
- ESCOLA ESTADUAL PEDRO FECCHIO. **Estatística**. Mar./2007.
- GALVÃO, Izabel. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.
- _____ & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.
- MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente – conversas sobre leitura e política**. São Paulo: ABDR, 1999.
- _____, **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MIGUEX, Fátima. **Nas arte – manhas do imaginário infantil**. Rio de Janeiro: Editora Zeus, 2002.
- SARTRE, J.P. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola** São Paulo: Ática, 2005.
- VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.
- _____ & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2003.